



ARRANJO PRODUTIVO FUMAGEIRO DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOBRE OS NOVOS CENÁRIOS COMPETITIVOS

REJANE MARIA ALIEVI; DOUGLAS WEGNER; ALESSANDRA COSTENARO MACIEL;

UPF

PASSO FUNDO - RS - BRASIL

dwegner@ea.ufrgs.br

APRESENTAÇÃO ORAL

Estrutura, Evolução e Dinâmica dos Sistemas Agroalimentares e Cadeias Agroindustriais

**ARRANJO PRODUTIVO FUMAGEIRO DO RIO GRANDE DO SUL:
Um estudo sobre os novos cenários competitivos**

RESUMO

O artigo analisa as especificidades e as estratégias competitivas do arranjo produtivo fumageiro, localizado na Região do Vale do Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul. Historicamente, a cadeia produtiva fumageira é a atividade que dinamiza a economia regional. Porém, com o aumento das campanhas antitabagistas e a assinatura de acordos internacionais para controle do consumo de cigarros, estudos sobre concentração e dependência produtiva são necessários para que estas economias possam analisar oportunidades para promover a diversificação da produção. Neste sentido, o estudo baseou-se nas abordagens teóricas sobre arranjos produtivos locais e realizou entrevistas em profundidade com os principais agentes que atuam direta e indiretamente no arranjo fumageiro. A partir das entrevistas delineou-se o

cenário atual da produção e consumo de tabaco, bem como as expectativas desses atores para o arranjo produtivo local na próxima década. Na opinião de todos os entrevistados, o consumo de cigarros tende a continuar elevado e a produção de tabaco permanecerá a principal fonte de renda para a região estudada, com poucas alternativas viáveis, considerando as especificidades geográficas, produtivas e culturais.

Palavras-chave: tabaco, arranjo produtivo local, agricultura, estratégias

ABSTRACT

The paper analyzes the specificities and competitive strategies of the tobacco productive arrangement in the Vale do Rio Pardo region, located in Rio Grande do Sul State. Historically, the tobacco productive chain generates dynamism in the local economy. However, with the growing of anti-tobacco campaigns and the signature of international traits related to the control cigarettes consumption, studies about productive concentration and dependency are necessary to analyze opportunities to promote production diversification. In that sense, the present study is based on theoretical approaches about local productive arrangements, and in-depth interviews have been conducted with the main agents which act direct and indirectly in the tobacco arrangement. Departing from the interviews, we have delineated the scenario of currently tobacco production and consumption, as well as those actors' expectations for the local productive arrangement in the next decade. The interviewers believe that cigarettes consumption tends to remain in high levels and tobacco production will continue the main source of income in the studied area. Few alternatives seem viable, considering the cultural, productive and geographical specificities.

Key words: tobacco, local productive arrangement, agriculture, strategies.

1 INTRODUÇÃO

A produção agrícola tem se destacado de maneira significativa no cenário econômico do Brasil nas últimas duas décadas. São inegáveis os avanços tecnológicos e o aumento dos volumes de produção e exportação, fazendo do setor primário um dos motores do crescimento e geração de empregos. Algumas culturas agrícolas concentram-se geograficamente em regiões específicas, agregando diversos elos da cadeia produtiva e constituindo verdadeiros arranjos produtivos locais (APLs). Esta concentração, ao mesmo tempo em que oferece vantagens competitivas relacionadas à proximidade dos fatores de produção e de empresas correlatas, gera preocupações quanto à dependência de uma ou poucas culturas, com todos os riscos ao desenvolvimento regional que isso pode significar.

Este artigo analisa em profundidade as características e peculiaridades do arranjo produtivo fumageiro, localizado na Região do Vale do Rio Pardo do Rio Grande do Sul. O APL fumageiro se destaca no agronegócio estadual e nacional devido à sua importância na pauta de exportações (com receitas de aproximadamente US\$ 2 bilhões em 2007) e pela geração de riqueza e renda para um grande número de famílias de agricultores no sul do país, com forte concentração no Vale do Rio Pardo (RS). O caso torna-se peculiar à medida que, nos últimos anos, aumentaram as campanhas mundiais contra o cigarro e o Brasil aderiu à Convenção Quadro para controle do consumo de cigarros, sancionada por mais de 40 países e que deve gerar reflexos sobre a produção de tabacos no médio prazo.

Com base nesse contexto, o estudo parte de uma revisão teórica sobre arranjos produtivos locais, com destaque para as vantagens da concentração produtiva, bem como os riscos potenciais para o desenvolvimento de regiões fortemente estruturadas em APLs específicos. Através de entrevistas em profundidade com importantes atores locais, que representam as opiniões dos produtores de tabaco, das indústrias instaladas na região e da sociedade em geral, procurou-se delinear o cenário atual da produção e consumo de tabaco, bem como as expectativas desses atores para o arranjo produtivo local na próxima década. Às opiniões dos entrevistados, juntaram-se dados secundários que demonstram o poder econômico da cultura de tabaco e as tendências mundiais para o setor. A contribuição teórica do artigo está no estímulo à discussão sobre os riscos e desafios para regiões fortemente baseadas em um APL específico, à parte dos inegáveis benefícios que ele pode proporcionar. Os dados empíricos visam oferecer uma visão sobre as perspectivas do APL fumageiro à economia regional e estadual, dada sua importância e magnitude.

Além desta introdução, o artigo está estruturado em outras quatro seções. A segunda Seção apresenta aspectos teóricos sobre arranjos produtivos locais, com ênfase para as vantagens e os riscos que a sobre-especialização representa para uma região. A terceira Seção trata da metodologia de pesquisa utilizada, com a descrição e caracterização dos atores entrevistados, seguida pela apresentação e discussão dos dados coletados, na quarta Seção. Na última parte do artigo seguem as considerações finais do estudo, com a síntese dos resultados e indicações de estudos futuros.

2 LOCALIZAÇÃO E ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS

É amplamente aceito na literatura que as fontes locais de competitividade são importantes para o desenvolvimento regional. Estudos sobre sistemas produtivos operando em regiões específicas tem resultado na criação de múltiplas definições e conceitualizações: *clusters*, *innovative milieux*, sistemas regionais de inovação, vantagens competitivas dinâmicas, sistemas locais de inovação, entre outros. De acordo com Lastres (1997), ainda que seja oriunda de abordagens teóricas diversas, a literatura tem demonstrado considerável convergência de idéias com relação à importância da proximidade geográfica no desenvolvimento econômico.

Entre os diferentes estudos contemporâneos que analisam os processos de desenvolvimento econômico baseados no dinamismo local destacam-se, inicialmente, os elaborados por Krugman (1998), o qual ressalta que os principais determinantes do comércio internacional passam a ser não as vantagens comparativas, mas os retornos crescentes de escala decorrentes da aglomeração de produtores. Nesse sentido, a análise das aglomerações de produtores está associada às vantagens competitivas que promove e seus efeitos sobre o comércio internacional. Os estudos sobre *clusters* industriais também estão despertando interesse crescente na literatura, em função de mudanças observadas na dinâmica concorrencial dos mercados. As aglomerações acabam propiciando maior interação entre os agentes, impulsionando a eficiência e a capacidade inovativa. Dessa forma, a troca de informações entre os agentes, decorrente da proximidade geográfica passa a ser uma importante fonte de vantagem competitiva.

Os estudos sobre arranjos produtivos locais derivam da corrente teórica neo-schumpeteriana e economia da inovação. Conforme Cassiolatto e Lastres (1999), as principais características

encontradas num APL são: a geração de novos conhecimentos passa a ser fonte importante no desenvolvimento da região; o processo inovativo é resultante do aprendizado interativo; aspectos sócio-culturais diferenciam o dinamismo dos espaços locais; e o conhecimento tácito e localizado, derivado das externalidades positivas, é importante para a promoção de inovações. Esses elementos centrais que caracterizam arranjos e sistemas locais de produção baseiam-se em conceitos como aprendizado, interações, competências e complementaridade, enfatizando os aspectos locais e regionais.

Autores como Lastres *et al.* (1998); Lopes e Lugones (1999); Cassiolato e Lastres (1999); Schmitz (1995) argumentam que a aglomeração de arranjos e sistemas produtivos locais é importante para países em desenvolvimento e que são comuns em muitos países e setores. Também frisam que as aglomerações de sistemas produtivos locais têm auxiliado pequenas e médias empresas a ultrapassarem conhecidas barreiras ao crescimento das firmas, a produzirem e comercializarem eficientemente produtos em mercados nacionais ou internacionais.

Enright (1996) divide *clusters* em duas categorias. A primeira delas é de *clusters* ou aglomerados industriais formados por um conjunto de indústrias ligadas por relações “comprador e fornecedor” e “fornecedor e comprador”, ou pela propriedade comum de tecnologia e pela existência de compradores comuns, para uma mesma cadeia de distribuição e ainda pela concentração geográfica da mão-de-obra. A segunda delas, *clusters* ou aglomerações regionais, cuja denominação apresenta maior amplitude por descrever a aglomeração geográfica de firmas, tem como principal característica o fato de estarem localizadas em um determinado espaço geográfico.

Cabe ressaltar que o desenvolvimento de uma região ou localidade, no longo prazo, depende profundamente da sua capacidade de organização social e política para modelar o seu próprio futuro, processo de desenvolvimento endógeno. Para Haddad (2002), esse processo se relaciona com a disponibilidade de diferentes formas de capitais intangíveis como: capital institucional, humano, cívico, social e sinérgico. O capital institucional está relacionado com as instituições ou organizações públicas e privadas existentes na região, e a interinstitucionalidade entre elas. O capital humano abrange o estoque de conhecimentos e habilidade que possuem os indivíduos que residem na região e sua capacidade para exercitá-los. Já o capital cívico é a tradução de práticas de políticas democráticas, de confiança nas instituições, de preocupação pessoal com assuntos públicos e associatividade entre esferas públicas e privadas. O capital social é o que permite que os membros de uma comunidade confiem uns nos outros e cooperem na formação de novos grupos ou em realizações de ações comuns. E, por fim, o capital sinérgico consiste na capacidade real e latente de toda a comunidade para articular de forma democrática as diversas formas de capital intangível disponível nessa comunidade.

Conforme Silveira (2005), no novo modo de produção regional, no qual a inovação está presente e se destaca, observa-se a existência de três fatores importantes: o primeiro é o aprendizado, o segundo, a estrutura de rede das relações dos atores econômicos, sociais e culturais e o terceiro, a estrutura de governança, da interação e ação coletiva dos indivíduos, instituições e empresas. Para Del Puppo e Vasconcellos (2006), o território deixa de ser um pano de fundo e passa a ser um ator do desenvolvimento, onde há diversidade e onde outros atores se movimentam. Este espaço de crescimento facilita o desenvolvimento humano, industrial e econômico, e é o desenvolvimento social que favorece o econômico.

Em um modelo de desenvolvimento regional como o de *cluster*, a função reservada para cada ator é diferente. O Estado é um agente intermediador, que viabiliza o diálogo e as ações coordenadas entre empresas e entre estas e os demais atores do *cluster*. Entretanto, entidades privadas, como associações ou sindicatos patronais, podem muitas vezes exercer de forma bastante eficiente essa função de “lubrificante” da “engrenagem” de um *cluster*. Um segundo papel importante a ser desempenhado em um *cluster* é o exercido por instituições públicas e privadas de crédito à atividade industrial e à pesquisa. Outros ganhos podem ser obtidos por um *cluster* em função da coordenação e cooperação de suas empresas. Algumas estratégias como a realização periódica de feiras e a criação de marcas ou selos de garantia, ou de qualidade, podem tornar-se imprescindíveis ao sucesso do *cluster*.

Em virtude da proximidade física das empresas, ocorre o surgimento de externalidades pecuniárias e tecnológicas, dentre as quais Diniz *et al.* (2004) destacam o mercado de trabalho especializado, a *linkages* entre produtores, fornecedores e usuários e *spillovers* tecnológicos e de conhecimento, ou seja, componentes da tríade marshalliana. Também cabe ressaltar que a proximidade física entre as empresas pode criar condições para uma interação cooperativa que pode se dar através de redes horizontais ou redes verticais.

Através das redes horizontais, as empresas podem atingir economias de escala acima da capacidade individual de cada empresa; realizar compras conjuntas de insumos; atingir escala ótima no uso de maquinaria; realizar *marketing* conjunto e combinar suas capacidades de produção para atender pedidos de grande escala. E através de redes verticais, as empresas podem se especializar no seu *core business* e dar lugar a divisão externa do trabalho, mas interna ao local, através da interação entre usuários e produtores (CEGLIE; DINI, 1999). As empresas participantes dessa rede podem também reduzir riscos associados ao lançamento de novos produtos e o tempo de transição da inovação entre o projeto e o mercado (MYTELKA; FARINELLI, 1999). Deve-se acrescentar que as redes horizontais e as verticais permitem a cooperação que torna possível um espaço de aprendizagem coletiva (BEST, 1990), e é nesse espaço que as idéias são trocadas e desenvolvidas e o conhecimento é compartilhado, desenvolvendo assim os produtos e processos de mais qualidade e mais competitivos.

2.1 Riscos da sobre-especialização

A partir das abordagens teóricas sobre aglomerações, realizadas na Seção anterior, poder-se-ia argumentar que a existência de um APL só traz oportunidades de desenvolvimento para uma região. Porém, é importante destacar que, se as capacitações localizadas não forem renovadas continuamente, podem ser erodidas, ocasionando o declínio do arranjo. Dentre as principais razões para a deterioração e obsolescência destas capacitações, Diniz *et al.* (2004) destacam a falta de investimentos; a burocratização das instituições, que perdem seu senso de missão; a obsolescência e a gradual redundância das qualificações; a destruição das parcerias público-privadas sob o impacto da privatização; e o *lock in* institucional (da elite local, dos políticos e das representações trabalhistas, entre outros) que dificulta mudanças como o desenvolvimento de novas capacitações e até o aproveitamento de novas oportunidades.

Cabe ressaltar que existem também riscos associados à sobre-especialização de um arranjo que podem comprometer seu futuro. Para Diniz *et al.* (2004), de um lado pode ocorrer o

“efeito trancamento” técnico-produtivo, onde as empresas locais ficam presas a uma determinada base técnico-produtiva, dificultando o desenvolvimento de novas capacitações concatenadas com as mudanças estruturais sofridas pelos mercados. Por outro lado, a pequena diversificação produtiva de sistemas sobre-especializados, resultado do “efeito deslocamento” sobre outras indústrias, os tornaria mais propensos a choques externos e vulneráveis a mudanças na demanda, uma vez que não teriam como compensar as flutuações de demanda em seu principal mercado.

Deve-se acrescentar que determinada aglomeração produtiva não deve ser a única fonte provedora de riquezas para a região, pois a eminência de uma crise, como a escassez de insumos, devido ao encarecimento da matéria-prima principal ou a dificuldade de buscar novos fornecedores qualificados, acarreta danos irreparáveis na trajetória de crescimento de toda a região. Ademais, Martin e Sunley (2003) apontam outros riscos na formação de arranjos produtivos locais, dentre eles: (1) a elevação dos custos locais e inflação localizada, principalmente dos custos do trabalho, da terra e da habitação; (2) ampliação das disparidades de renda; e (3) fusões e aquisições lideradas por capitais externos.

Diniz *et al* (2004) apresentam duas respostas aos riscos referenciados. A primeira delas é a transformação do arranjo em uma região em um processo de aprendizagem, envolvendo a transformação do arranjo em três dimensões. A primeira dimensão está vinculada a mudanças organizacionais internas às firmas, necessárias ao *upgrading* de suas capacidades tecnológicas. A segunda está relacionada ao favorecimento das relações interfirmas mais conducentes à aprendizagem, pois de acordo com as abordagens evolucionárias, as relações horizontais são mais importantes nos processos de aprendizagem do que as de subcontratação verticais. E a terceira, compreenderia as relações entre as firmas e a economia e sociedade locais, envolvendo as firmas, universidades, centros de treinamento, instituições públicas locais entre outros agentes envolvidos e presentes no arranjo.

Uma resposta aos riscos da sobre-especialização seria, conforme Jacobs (1969), promover a diversificação e variedade local para superação dos limites impostos pela divisão do trabalho de uma base técnica específica e para o estímulo à transferência de novos conhecimentos. A análise de Jacobs (1969) refere-se à diversificação associada à dimensão urbana e local. E nesse caso, a qualidade e a escala da aglomeração urbana local são cruciais à reprodução ampliada da indústria local, na medida em que se determina a disponibilidade de serviços capazes de contribuir para a constituição de uma rede de colaboradores externos às empresas locais durante os estágios de desenvolvimento da produção, tais como serviços tecnológicos modernos e consultores especializados. Além disso, a criação de uma demanda suficientemente diversificada e exigente, em termos de conteúdo técnico e de serviços incorporados aos produtos como marketing, *design*, serviços pós-venda, possibilitaria a diversificação da base exportadora local como um desdobramento estratégico dos efeitos multiplicadores da concentração industrial local.

Essas possíveis soluções apresentadas por Jacobs (1969) são corroboradas por Lemos *et al.* (2003) ao considerar que elas exploram as externalidades de diversificação produtiva, que por sua vez são um produto genuinamente urbano, gerado por inovações produtivas induzidas pelo crescimento urbano. Dessa forma, a diversificação varia diretamente proporcional à escala econômica urbana, que é capaz de superar os limites da divisão de tarefas de uma base técnica específica para alcançar no desenvolvimento da divisão social do trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo seguiram etapas distintas. Pelo fato da pesquisa ser de caráter exploratório e descritivo, fez-se inicialmente a coleta das informações secundárias sobre o arranjo fumageiro. Esses dados foram buscados em livros, artigos científicos, teses e nas publicações das instituições ligadas ao setor fumageiro.

Na segunda etapa, foram identificadas as principais instituições que fazem parte da configuração institucional do setor fumageiro. A partir disso, foi elaborado um roteiro de questões abertas para serem aplicadas aos dirigentes das entidades selecionadas. Ainda nesta fase, foi aplicado um teste piloto em uma das instituições com objetivo de verificar eventuais alterações no roteiro de questões. Com relação à forma de abordagem do problema, foi utilizada a pesquisa qualitativa. Para Roesch (1999), a escolha da abordagem depende muito da postura filosófica adotada para investigar a realidade do problema. Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema, e possibilitam o entendimento das particularidades dos indivíduos (DIEHL, 2004).

Na terceira etapa, foram realizadas entrevistas com representantes das seguintes entidades: Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA), Sindicato das Indústrias do Fumo (SINDIFUMO), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Cruz do Sul, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e Associação Comercial e Industrial dos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. Essas são as principais instituições que atuam direta e indiretamente no arranjo fumageiro do Vale do Rio Pardo e dentre suas principais contribuições destacam-se:

- Associação dos Fumicultores do Brasil – AFUBRA, criada em 1955 e conta com, aproximadamente, 140.000 fumicultores associados. A instituição atua diretamente com os agricultores que se dedicam ao cultivo de tabaco nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul;
- Sindicato das Indústrias do Fumo – SINDIFUMO, criado em 1942 possui cerca de 20 empresas associadas. Essas empresas são as maiores fumageiras brasileiras e multinacionais instaladas no país, atuando como compradoras de fumo, no processo de beneficiamento e na comercialização do produto;
- Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Cruz do Sul: possui participação ativa no que tange aos interesses dos produtores rurais. Fundado em 1962, conta com mais de 7.000 associados;
- Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. A instituição foi criada em 1962 e reconhecida como Universidade em 1993. A Unisc conta com 40 habilitações profissionais e com cursos de mestrado e doutorado. Além disso, desenvolve atividades de pesquisa e extensão nas diversas áreas do conhecimento.

As informações coletadas nas entrevistas efetuadas foram analisadas de forma descritiva e qualitativa, destacando principalmente os resultados que sinalizam os principais desafios e perspectivas para o arranjo fumageiro do Vale do Rio Pardo.

4 O APL FUMAGEIRO NA REGIÃO DO VALE DO RIO PARDO

Com base nos procedimentos metodológicos adotados, esta seção está dividida em duas etapas. No primeiro momento, apresenta-se uma breve descrição do contexto histórico do arranjo fumageiro e uma análise do seu desempenho econômico recente. No segundo momento, apresenta-se os resultados obtidos com as informações coletadas nas entrevistas realizadas.

4.1 Histórico e Caracterização

O desenvolvimento do Vale do Rio Pardo e a evolução da produção de tabaco no Estado do Rio Grande do Sul estão diretamente relacionados. Registros de meados do século XIX já fazem referência ao cultivo da “planta de ouro” que transformou a região em um dos principais pólos agroindustriais do estado. Na década de 1850 “a cultura do fumo, então no seu início, prometia o considerável desenvolvimento que, mais tarde, deveria constituir a principal fonte de prosperidade e riqueza da Colônia” (MENEZES, 2005, p. 34).

Com o passar das décadas, o fumo produzido inicialmente para consumo local transformou-se no principal produto da região e começou a ser comercializado em outros mercados (VARGAS, SANTOS e ALIEVI, 1999). O processo produtivo foi facilitado pela existência de pequenas propriedades e uso intensivo de mão-de-obra, demandando poucos investimentos e baixa tecnologia produtiva, características mantidas até os dias atuais. Segundo Vargas, Santos e Alievi (1999), a instalação posterior de indústrias fumageiras na região, impulsionando significativamente a economia regional, resulta em grande parte da existência de uma estrutura de produção baseada em pequenas propriedades e trabalho familiar, sem a necessidade de investimentos na aquisição de terras e contratação de mão-de-obra pelas fumageiras.

Vogt (1997) divide a evolução da indústria fumageira em duas etapas distintas. A primeira refere-se ao período de 1850 até 1916, quando os primeiros alemães que chegaram à região iniciaram a produção agrícola. De acordo com o autor (VOGT, 1997), o fumo foi apenas uma das plantações testadas, porém proporcionando os resultados mais satisfatórios a médio e longo prazo. Com o tempo, o tabaco destacou-se como principal produto da região e em 1874 o município de Santa Cruz do Sul já havia comercializado cerca de um milhão de quilos do produto. Esse sucesso deveu-se principalmente pela qualidade do produto, obtida pela especialização dos colonos e pela orientação que recebiam dos comerciantes locais. Além disso, a produção de tabaco mostrou-se estratégica para a região, já que sua distância de Porto Alegre e dos principais mercados consumidores tornava a produção de alimentos e produtos tradicionais economicamente inviáveis (VOGT, 1997).

Na estatística industrial de 1916, Santa Cruz do Sul possuía oito estabelecimentos ligados ao beneficiamento e comercialização de fumo que, juntos, empregavam cerca de 600 pessoas. Entretanto, é na segunda fase do desenvolvimento da região que acontecem as modificações mais importantes e significativas no segmento. O período pós-1916 caracteriza-se pela consolidação do complexo embrionário que surgiu na etapa anterior, inclusive com a penetração de capital internacional na região já a partir de 1917 (VOGT, 1997).

As empresas locais trabalham com um conceito de produção integrada. Nesse sistema, o produtor está vinculado a uma indústria de beneficiamento que lhe fornece insumos, técnicas e garante a compra da produção, mas que por outro lado, determina a qualidade e as

características do produto que deseja comprar. Com isso, houve um incremento considerável no volume produzido e na qualidade da produção, de maneira que hoje o Vale do Rio Pardo abriga o maior arranjo produtivo fumageiro mundial, desde a produção ao beneficiamento do produto.

No contexto atual, indústria mundial de fumo caracteriza-se por uma estrutura de mercado em que existe um número pequeno de grandes empresas. Estas empresas são grandes compradores internacionais de fumo, tornando o setor altamente oligopolizado. Assim, mesmo com o aumento da participação dos países em desenvolvimento na produção de fumo, ainda ocorre forte dependência quanto à comercialização e industrialização da produção.

No mercado mundial de produção de tabaco, o Brasil ocupa o segundo lugar, tendo produzido 876 mil toneladas no ano de 2005, o que equivale a uma receita de R\$ 3,5 bilhões (IBGE, 2006). O Brasil responde por 13,5% da produção mundial de fumo e está se consolidando como maior exportador mundial. A China destaca-se como o maior produtor mundial com 41% do total produzido no mundo, sendo que em 2005 a produção foi de 2.685,5 mil toneladas.

Do fumo produzido no Brasil, a Região Sul responde por 94,5%, sendo que o Estado do Rio Grande do Sul é responsável por cerca de 50% da produção total, concentrando-se na Região do Vale do Rio Pardo e, em especial, nos municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Candelária.

Conforme ressaltado anteriormente, a Região do Vale do Rio Pardo responde pela metade da produção total da Região Sul do Brasil. Nessa região, grande parte dos municípios depende, significativamente, das atividades relacionadas ao cultivo de tabaco. A agricultura na região é formada basicamente por pequenos produtores rurais e conforme dados da AFUBRA (2007), a mão-de-obra familiar responde por 90% do total dos trabalhadores que atuam nessa atividade agrícola. Na Tabela 1 pode-se verificar a produção e a área utilizada para o cultivo de fumo. Observa-se que de 1995 a 2000 a produção na região aumentou 55% e que nos cinco anos seguintes o crescimento foi de, aproximadamente, 40%. Esses dados indicam que nos 10 anos considerados os pequenos agricultores rurais passaram a destinar uma área maior ao cultivo de fumo. Convém ressaltar que de 2000 para 2005 a área plantada apresentou um aumento de 58%. O aumento, tanto na produção como na área plantada, é explicado pelo fato de que o cultivo de fumo é significativamente mais rentável do que outras culturas. Além disso, os agricultores recebem outros incentivos durante a plantação como, por exemplo, insumos, assistência técnica, seguro agrícola e garantia de comercialização do produto.

O sistema integrado de produção, aperfeiçoado ao longo do tempo, mostra-se um dos pontos fortes do arranjo. Por meio dele, os produtores recebem a garantia de que toda a sua safra será adquirida pela empresa a que está vinculado, enquanto esta tem assegurada a produção do volume de tabaco que necessita. Além disso, os produtores são assessorados pelas empresas para que a qualidade desejada seja atingida e o manejo seja realizado adequadamente.

Tabela 1 - Produção e área plantada no Vale do Rio Pardo, 1995, 2000 e 2005.

Ano	Produção (t)	Área plantada
1995	79.271	43.938
2000	123.640	58.396
2005	175.640	92.344

Fonte: AFUBRA (2007)

A cultura do tabaco tem como forte característica “justamente a de proporcionar ao agricultor um elevado rendimento em área relativamente pequena de terra. Além disso, seu custo de produção é composto em mais de 51% pela mão-de-obra, o que também o caracteriza como uma atividade agrícola de grande efeito social, tendo em vista que essa força de trabalho é constituída pela família” (GRALOW citado por CORREA, 2005, p. 31). A Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA, 2007), estima que a cultura do tabaco gera em torno de 965.000 empregos diretos no campo, além de 35.000 postos de trabalho na indústria. Considerando os empregos indiretos gerados ao longo da cadeia produtiva, o número total estimado atinge cerca de 2.450.000 pessoas no Brasil.

Quanto às características do arranjo produtivo fumageiro existente no Vale do Rio Pardo, verifica-se que é altamente especializado. Ao mesmo tempo em que amplia consideravelmente a competitividade local e permite o desenvolvimento de especificidades que geram vantagens significativas, pode levar à dependência exagerada da região em produtos ou indústrias específicas. A mesma região que ao longo de várias décadas usufruiu dos benefícios que a produção de tabaco gerou, depara-se continuamente com a apreensão e incerteza geradas pelas polêmicas e perspectivas desfavoráveis que envolvem o produto. Com o propósito de identificar as principais tendências do arranjo fumageiro no Vale do Rio Pardo no médio e longo prazo apresenta-se a seguir os resultados e análise da pesquisa.

4.2 Análise dos Resultados: desafios e perspectivas

A seção apresenta uma síntese das respostas das instituições entrevistadas (representantes empresariais, representantes dos agricultores e atores locais) quanto ao cenário atual e futuro do arranjo produtivo fumageiro, bem como dificuldades, desafios e oportunidades para a Região do Vale do Rio Pardo, atualmente com forte dependência da cultura do tabaco. As informações coletadas são apresentadas a seguir na forma de subitens para melhor compreensão e análise.

4.2.1 A dependência em relação ao tabaco

A partir das informações coletadas nas entrevistas a situação regional é descrita por um dos respondentes como paradoxal: ao mesmo tempo em que o tabaco gera uma condição econômica e social vantajosa, ele vem sendo progressivamente combatido no mundo, inclusive com políticas de erradicação da produção em alguns países. Já os representantes empresariais preferem não considerar as desvantagens da concentração de renda em torno da cultura do tabaco na região em foco. Um deles afirma que o termo “dependência” é discutível, enquanto outro acredita que a concentração representa progresso e a certeza de desenvolvimento. Os números, no entanto, demonstram que a região está fortemente ancorada na produção de tabaco, sujeitando-se tanto aos efeitos positivos quanto negativos dessa dependência. De acordo com a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, o retorno de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), principal receita do município, depende em 75% do setor fumageiro, que gera também cerca de 15 mil empregos no município, mais da metade dos empregos formais.

O índice citado pelo governo municipal demonstra os impactos que a redução no volume de tabaco e cigarros produzidos poderia gerar para o município e a região. Em nível de país, dados da Receita Federal disponibilizados pela AFUBRA (2007) indicam que a cadeia do tabaco gerou um faturamento de aproximadamente R\$ 14,1 bilhões em 2006, dos quais cerca

de R\$ 7 bilhões em impostos. Outro dado interessante é apresentado por Mackay e Eriksen (2002) sobre impostos gerados pelo tabaco em alguns países (Gráfico 1). Na China, por exemplo, a cadeia corresponde a 9,05% dos impostos totais arrecadados pelo governo. No Brasil esse número é de 4,88%. Os casos apresentados mostram o poder da cadeia produtiva e a dependência dos países em relação aos impostos que ela gerados.

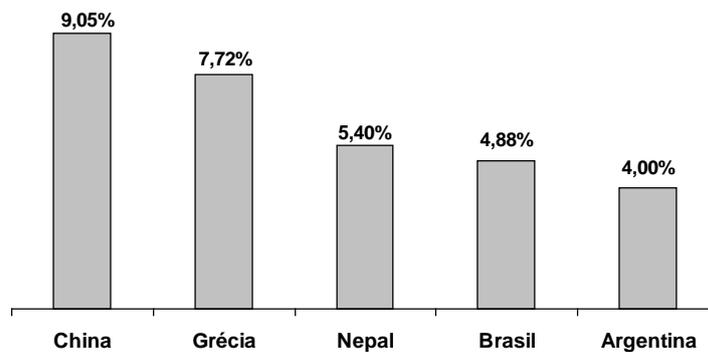


Gráfico 1: Arrecadação governamental com a cadeia do tabaco - % da receita proveniente do tabaco em relação à arrecadação total do país.

Fonte: Mackay e Eriksen (2002)

Na Região do Vale do Rio Pardo, a dependência em relação à cultura do tabaco ocorre pelos seguintes motivos: o tamanho reduzido das propriedades rurais (média de 13,9 hectares por família); o uso intenso de mão-de-obra familiar e reduzida mecanização; a grande diferença de rentabilidade do tabaco em relação a qualquer outra cultura e a relação histórica da região com o cultivo do fumo. Um dos entrevistados completa que o grande interesse na produção de tabaco está relacionado com a comodidade e garantia que esta cultura oferece. O agricultor recebe todos os insumos das empresas antecipadamente sem necessitar antecipar seu próprio capital, como acontece com outras culturas agrícolas. O pagamento dos insumos somente é realizado no momento da comercialização do produto, com garantia de compra e preço mínimo de referência.

Os desafios para a região, de acordo com os agentes entrevistados, apontam para duas direções. De um lado, faz-se necessário encontrar alternativas de renda para as famílias de agricultores envolvidas na produção de tabaco, as quais permitam retorno semelhante à cultura atual. Por outro lado, representantes empresariais afirmam que o desafio está em fazer o governo e a comunidade em geral entender que, se o tabaco não for produzido no Brasil, será produzido em outro local. Não há indicativos de que o consumo de cigarros caia nas próximas décadas, de maneira que esse tabaco será produzido em alguma parte do mundo.

A busca por alternativas de renda para os produtores e a redução da dependência em relação ao tabaco é vista pelos atores sob perspectivas diferentes. Para a indústria, o setor sempre incentivou a diversificação das pequenas propriedades, como uma forma de complementação de renda, ressaltando que a diversificação em maior escala necessita de um sistema de integração, onde o produtor tenha garantia de comercialização e preço, como ocorre na cadeia produtiva do tabaco. Um representante dos produtores volta a fazer referência às diferenças de renda geradas por culturas alternativas, o que as mostra inviáveis no momento.

Em termos práticos, a AFUBRA desenvolve projetos que visam a oportunizar rendas complementares aos produtores, tais como dias de campo para a apresentação de novas técnicas e culturas e a realização de uma grande feira destinada aos pequenos produtores, onde são apresentadas alternativas viáveis e compatíveis com a estrutura de sua propriedade. Além disso, a entidade desenvolve atualmente um projeto de produção de biodiesel a partir do girassol e outro que busca o fomento florestal. Apesar desses esforços, é perceptível que podem significar complementos de renda para os produtores, mas sem impactar diretamente na cultura estabelecida.

4.2.2 Os impactos do cenário macroeconômico e da Convenção-quadro¹

Mais de 85% do fumo produzido no Brasil é exportado, fazendo do país o maior exportador desse produto no mundo (Tabela 2). As recentes variações cambiais afetaram significativamente a competitividade do Brasil no exterior, impactando de forma negativa as indústrias exportadoras, com reflexos na estrutura de produção. O contrapeso é a qualidade do tabaco produzido, que permitiu aumentos de preço na venda, embora inferiores aos aumentos no custo interno de produção. Nos tabacos com menor qualidade o Brasil perdeu espaço no mercado internacional com a desvalorização do dólar.

Com relação aos efeitos da Convenção-Quadro para a próxima década, representantes da indústria e do meio empresarial não acreditam que possa haver reduções significativas na produção. Como afirma um dos atores da pesquisa, o número de fumantes continua aumentando, o tabaco não é uma cultura ilegal e os governos ao redor do mundo dependem dos impostos gerados por este mercado. Logo, a cultura não será proibida e alguém terá que produzir o tabaco para atender a esta demanda.

Tabela 2: Fumicultura mundial

Ano	Brasil		Estados Unidos		Zimbabwe	
	Produção (toneladas)	% exportado	Produção (toneladas)	% exportado	Produção (toneladas)	% exportado
1980	372.970	34,8%	806.030	33,9%	125.000	79,2%
1990	447.980	44,2%	737.710	30,3%	139.800	87,5%
2000	577.110	61,2%	453.600	39,7%	245.210	74,3%
2001	544.780	81,5%	449.750	41,4%	207.250	65,1%
2002	669.950	70,8%	403.000	38,0%	165.840	86,1%
2003	635.820	75,1%	403.520	39,7%	79.980	112,5%*
2004	882.650	60,0%	383.780	39,9%	69.050	102,8%*
2005	876.430	71,8%	312.800	55,9%	84.540	78,1%
2006	803.540	72,4%	333.950	37,8%	83.780	78,8%

* Houve exportação de produtos em estoque, produzidos em anos anteriores.

Fonte: AFUBRA (2007) com base em dados do USDA e da ITGA.

¹ A Convenção-Quadro para Controle do Tabaco é uma iniciativa da Organização Mundial da Saúde ratificada por dezenas de países, e determina um conjunto de medidas cujo objetivo é deter a expansão do consumo de cigarros no mundo. O documento aprovado pelo Congresso Brasileiro está disponível em <http://www2.mre.gov.br/dts/convencao_ptbr.pdf>.

Apesar da incerteza em relação ao longo prazo, um representante dos produtores destaca que os ministérios do Governo Federal se comprometeram a não colocar empecilhos para a produção de tabaco no país, de maneira a não afetar a renda das famílias produtoras. Em outro aspecto, é provável que o mercado do tabaco seja afetado pelo lado do consumo, à medida que a Convenção-quadro aprovada internacionalmente aumenta o poder das campanhas anti-tabagistas.

4.2.3 Produção e consumo de tabaco: cenários

O cenário internacional de consumo de cigarros é visto como positivo pelos agentes entrevistados. Dados apresentados por Mackay e Eriksen (2002) mostram que, mantidas as tendências, haverá 2,2 bilhões de fumantes no mundo em 2050, contra os atuais 1,4 bilhão de consumidores de cigarros.

Em relação à produção, o Brasil se destaca por oferecer tabaco de alta qualidade, sendo o principal fornecedor mundial de tabaco com características diferenciadas. Paralelo a isso, ocorreu uma queda significativa na produção em países como Zimbábue, Estados Unidos e na Europa. Como os projetos implantados em outros países para compensar estas reduções não estão evoluindo de acordo com o esperado, o Brasil se tornou uma das fontes mais confiáveis para repor estas perdas.

O desempenho atual do setor é considerado excelente por um representante empresarial. Nas suas palavras, mesmo com a valorização da moeda brasileira nos últimos anos, as empresas do setor continuam apresentando lucros e a grande maioria dos produtores de tabaco está alcançando melhores condições de qualidade de vida. Mesmo quando questionados sobre o cenário do arranjo produtivo para os próximos cinco anos, os entrevistados concordaram que devem ocorrer pequenas modificações.

Entretanto, quando questionados sobre o cenário para o desempenho do setor nos próximos quinze anos, os entrevistados divergiram nas suas considerações. Um representante empresarial afirmou que o fumo continuará sendo a cultura de maior importância social e econômica na região, desde que não sejam criados empecilhos para a sua produção. Segundo um representante dos produtores, poderá ocorrer uma queda no consumo de cigarros em virtude das fortes campanhas antitabagistas no mundo e provavelmente não ocorrerá expansão do setor no período. Outro representante empresarial classificou o cenário como incerto, utilizando como argumentos que os investimentos em novos mercados produtores, que hoje são uma incógnita, poderão ter sucesso, levando a uma migração de parte da produção.

Também foi destacado que a faixa etária e o perfil dos produtores de tabaco brasileiros se enquadram no modelo que segue o êxodo rural. Existe uma tendência de que os produtores mais velhos parem de plantar por causa da idade e os mais novos a migrar para as cidades em busca de emprego, embora a indústria desenvolva projetos com o objetivo de fixar os jovens no campo.

Apesar das divergências, não há sinais de apreensão quanto ao futuro do setor, especialmente em vista das perspectivas de continuidade no crescimento do número de fumantes no mundo nas próximas décadas, de acordo com a organização Mundial da Saúde (Gráfico 2). A

eliminação gradativa dos subsídios aos produtores de tabaco em diversos países do mundo, inviabilizando a produção, é vista como uma oportunidade, podendo, inclusive, abrir novos mercados para o fumo produzido no Brasil. Um dos respondentes fez referências, ainda, a estudos que visam diminuir os riscos para os fumantes. Em suas palavras, é possível que em 15 anos os níveis de risco para fumantes sejam mínimos ou que, até mesmo, seja possível fumar para tratar de uma doença.

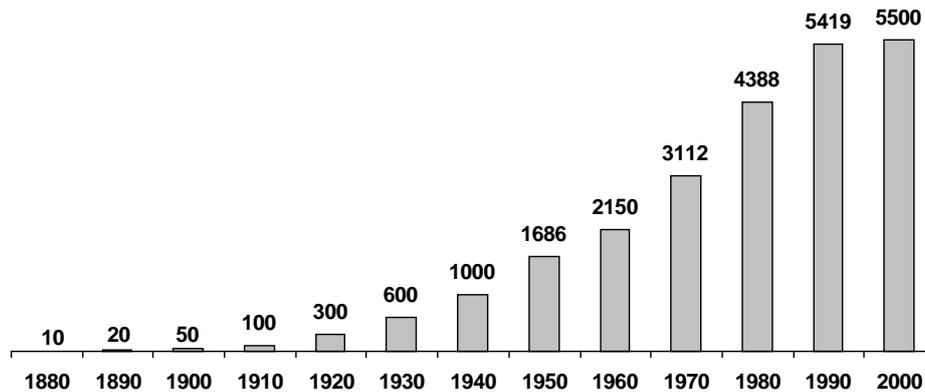


Gráfico 2: Consumo global de cigarros – em bilhões de unidades
Fonte: Mackay e Eriksen (2002)

As tendências quanto ao consumo de cigarro mostram redução apenas nos países desenvolvidos. No Japão, Reino Unido e Estados Unidos houve forte queda no número de fumantes nas últimas quatro décadas. Entre os homens (Gráfico 3), a queda foi maior que entre as mulheres (Gráfico 4). O Japão, que em 1960 apresentava um índice de 81% de fumantes entre a população masculina, passou para um percentual de 54% no ano 2000, percentual que ainda é muito superior ao de fumantes nos outros dois países.

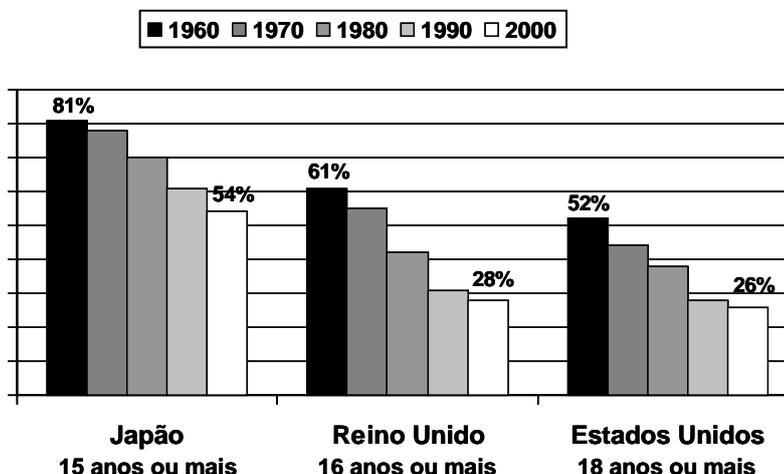


Gráfico 3: Tendência de consumo de cigarros – homens fumantes

Fonte: Mackay e Eriksen (2002)

Mackay e Eriksen (2002) apontam que em torno de um bilhão de homens no mundo são fumantes, dos quais 300 milhões são chineses. Nos países desenvolvidos, a média é de 35% de fumantes entre a população masculina, e nos países em desenvolvimento esse percentual sobe para 50%. Para esses autores, “em geral, o homem educado está deixando esse hábito, de maneira que fumar está se tornando um hábito de homens mais pobres e menos educados” (MACKAY; ERIKSEN, 2002).

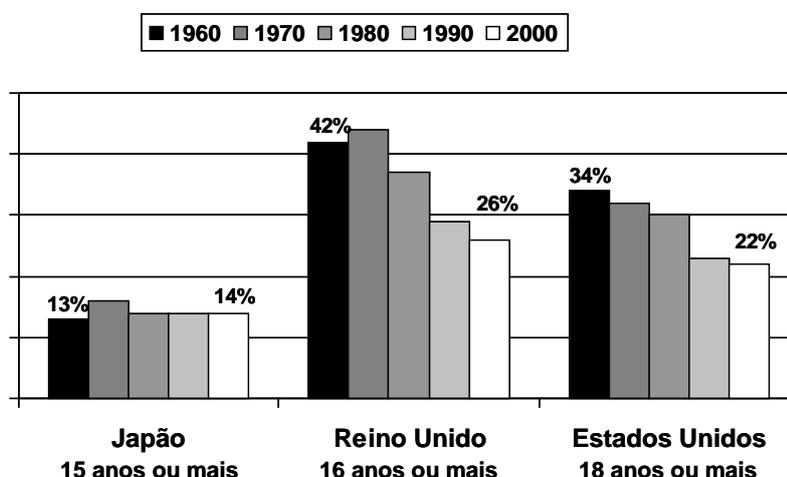


Gráfico 4: Tendências de consumo de cigarros – mulheres fumantes
Fonte: Mackay e Eriksen (2002)

A queda no consumo mundial entre as mulheres foi menor do que entre os homens, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Os números apresentados por Mackay e Eriksen (2002) mostram que nesses dois países o número de mulheres que fumam é quase igual ao de homens. No Japão verifica-se pequeno aumento do número de mulheres fumantes entre 1960 e 2000, possivelmente resultado de mais liberdade feminina nas últimas décadas. Segundo Mackay e Eriksen (2002), cerca de 250 milhões de mulheres no mundo são fumantes diárias. Nos países desenvolvidos, em torno de 22% das mulheres fumam, contra 9% nos países em desenvolvimento.

4.2.4 Dificuldades para mudar a matriz produtiva da região

A problemática sobre a mudança da matriz produtiva, amplamente discutida na época da aprovação da Convenção-quadro, está relacionada à inexistência de culturas capazes de gerar uma renda semelhante à do tabaco. Nas entrevistas realizadas um representante dos produtores rurais considerou que a topografia acidentada em muitas regiões, o tamanho reduzido das propriedades, a instabilidade de preços e de mercado são fatores complicadores para a promoção da diversificação da produção. Além disso, o cultivo do fumo já é tradição nas famílias (vem passando de geração em geração) e oferece confiança a quem o produz, pelo resultado que proporciona. A mudança ocorreria naturalmente caso alternativas de culturas agrícolas fossem viáveis.

A queda na produção em países desenvolvidos também aumenta o interesse de clientes e indústria de manter a produção brasileira. Atualmente a China é o maior produtor mundial de tabaco, porém para consumo próprio, não ameaçando a produção brasileira. A redução dos subsídios na Europa faz com que a indústria brasileira projete absorver parte desse volume. Por outro lado, países da África e Ásia, onde o custo de produção é menor em função da mão-de-obra mais barata, estão fazendo esforços para aumentar sua produção. Os Estados Unidos, outro grande produtor, vive um momento de estabilização, também enfrentando dificuldades relacionadas a custo e disponibilidade de mão-de-obra.

A busca de alternativas de renda para o produtor está fortemente vinculada às entidades representativas dos agricultores. A AFUBRA participa do Programa de apoio à diversificação produtiva das áreas cultivadas com fumo, com destinação de recursos do Governo Federal, incluídos na negociação de aprovação da Convenção-quadro. A meta é diversificar a economia rural, possibilitando a implantação de novas atividades agropecuárias. As linhas de ação estão alicerçadas em quatro pontos estratégicos: financiamento, acesso à tecnologia, agregação de valor à produção local e garantia de comercialização.

De acordo com o representante do poder público, o município está desenvolvendo esforços para introduzir novas opções de trabalho e renda, além das atividades já existentes. Alguns segmentos vêm recebendo atenção especial, como bioenergia, alimentação, turismo, saúde e tecnologia. No que se refere aos produtores, entretanto, um dos entrevistados ressalta que já foram tentadas algumas alternativas como produção de frutas cítricas, amoras, bananas e flores, sem resultados satisfatórios, gerando resistência dos produtores quanto a novas tentativas.

A tabela a seguir mostra a evolução dos preços de alguns produtos agrícolas, desde meados da década de 1990, em comparação com o tabaco, confirmando a força desta cultura como fonte de renda para a pequena propriedade.

Tabela 3 : Preços dos produtos agrícolas

Preços recebidos pelos produtores rurais (R\$)						
Ano	Arroz (saco 50kg)	Milho (saco 60kg)	Feijão (saco 60kg)	Trigo (saco 50kg)	Soja (saco 60kg)	Tabaco (kg, média)
1996	21,98	16,18	52,53	21,17	28,25	2,01
1998	29,34	14,58	98,51	15,52	23,50	1,90
2000	16,22	15,73	35,83	16,78	23,73	2,00
2002	23,03	18,05	78,75	25,44	36,43	2,85
2004	32,49	18,87	67,48	23,82	40,20	4,24
2006	23,05	16,75	37,50	24,13	26,48	4,15
Var. 2006-1996	4,87%	3,52%	-28,61%	13,98%	-6,27%	106,47%

Fonte: Emater RS/Afubra in Beling (2007)

4.2.5 Desafios e oportunidades para o arranjo fumageiro

Há claras diferenças quanto à percepção dos desafios que a região em estudo terá no médio e longo prazo. Na visão dos representantes da indústria, os desafios estão relacionados às campanhas anti-tabagistas impetradas por segmentos públicos e privados. Além disso, destacam a necessidade dos constantes investimentos para manter a qualidade do tabaco produzido. De acordo com um representante empresarial, para que o Brasil se mantenha entre os maiores produtores mundiais e como líder exportador, é necessário continuar produzindo fumos de boa qualidade e que seja preservada a integridade do produto (fumos livres de resíduos e de impurezas e utilização de fertilizantes/agrotóxicos recomendados). Além disso, são necessárias ações no sentido de obter um eficiente controle de custos para a manutenção da competitividade do produto brasileiro.

Os representantes do poder público e dos agricultores defendem a necessidade de encontrar culturas que ofereçam renda complementar e possam agregar valor às pequenas propriedades, reduzindo o êxodo rural e mantendo a qualidade de vida do produtor. É interessante observar que os discursos apontam sempre para a busca de atividades que complementem a renda do produtor de tabaco. Não há referências diretas à necessidade de diversificar a matriz produtiva da região.

As oportunidades visualizadas pelos atores locais apontam para a manutenção e ampliação da qualidade do produto e o sistema integrado de produção, ressaltado como fundamental para o funcionamento da cadeia. Para um representante dos produtores, é preciso disponibilizar um pacote tecnológico direcionado à produção de fumos de alta qualidade, com teores equilibrados, para atender ao mercado consumidor, cada vez mais exigente. Uma oportunidade destacada pela indústria é a produção de tabaco para outros fins que não seja para ser fumado: o entrevistado destacou que a planta do tabaco pode ser cultivada para obtenção de outros produtos. No entanto, não há clareza quanto ao impacto disso na matriz produtiva regional e o número de produtores que poderiam se beneficiar disso.

As oportunidades destacadas por parte dos entrevistados estão relacionadas, em parte, com as mudanças no consumo de cigarros no mundo. Embora nos últimos dez anos não tenha havido alteração no consumo nas Américas, e apesar da queda de 8% na Europa Ocidental, as projeções de aumento na África e Meio Oeste (16,1%), Leste Europeu e ex-União Soviética (8,7%) e Ásia (6,5%) são sinais positivos para a cadeia (MACKAY e ERIKSEN, 2002). O ingresso no mercado de centenas de milhões de novos consumidores chineses permite projetar aumentos significativos de consumo de cigarros na Ásia.

Para o representante da instituição de ensino e pesquisa da região, as oportunidades encontram-se no desenvolvimento de alternativas complementares à cultura do tabaco ou novas alternativas, tais como a consolidação de um pólo de saúde com novos serviços de alta complexidade, implantação de um pólo tecnológico regional a partir de incubadoras de empresas e da estrutura da universidade na área tecnológica e desenvolvimento do potencial turístico regional. O papel da universidade nesse processo é o de formar pessoas altamente qualificadas para o desempenho das atribuições, em parceria com o setor público e privado regional, bem como intensificar a transferência dos conhecimentos originados na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou o arranjo produtivo fumageiro, fortemente concentrado na Região do Vale do Rio Pardo (RS). Através de entrevistas realizadas com atores locais, procurou-se

identificar as perspectivas para o arranjo nas próximas décadas, dadas as restrições que vem sendo impostas à produção de tabaco e consumo de cigarros nos últimos anos. O artigo baseou-se nas abordagens teóricas sobre localização e aglomerações produtivas (LASTRES, 1997; KRUGMAN, 1998; CASSIOLATO e LASTRES, 1998), com destaque para os riscos que a sobre-especialização pode gerar para uma região (DINIZ *et al.*, 2004, MARTIN e SUNLEY, 2003, JACOBS, 1969)

O desenvolvimento de uma região ou localidade, no longo prazo, depende profundamente da sua capacidade de organização social e política para modelar o seu próprio futuro, em um processo de desenvolvimento endógeno. Tais articulações podem ser esperadas de instituições e entidades como associações, universidades, e poder público, como os entrevistados neste estudo. Um passo importante é o reconhecimento, por parte desses atores, de que é preciso gerar mudanças e que estas dependem de articulações conjuntas. As informações coletadas nas entrevistas indicam que, do ponto de vista da indústria, o cenário para a produção de tabaco continua positivo, apesar do crescimento das campanhas antitabagistas e da aprovação de leis internacionais que visam ao controle do produto. Para esses atores, o desafio está em reforçar ainda mais o APL, não substituí-lo.

Representantes da sociedade demonstram preocupação com o futuro, diante das ameaças constantes de que a cultura possa diminuir gradativamente com o passar do tempo. Em um contexto geral, entretanto, prevalece o discurso do que as ações necessárias para a promoção da diversificação da produção estão sendo realizadas. Sob o ponto de vista das entidades entrevistadas, os projetos desenvolvidos pela AFUBRA, as ações coordenadas pelos governos regionais e municipais apoiadores, os projetos da Universidade local são ações importantes para o futuro da região. Percebe-se uma maior coordenação e conexão entre essas entidades. Assim, poderia gerar oportunidades de desenvolvimento para a região, diminuindo a dependência em relação ao APL fumageiro.

À luz da teoria sobre arranjos produtivos e os riscos da sobre-especialização, a região produtora de tabaco apresenta um caso peculiar. Ao contrário do postulado por Diniz *et al* (2004) e Martin e Sunley (2003) sobre como uma região especializada pode enfrentar problemas pela falta de investimentos, burocratização, aumento de custos ou efeito-trancamento, a região estudada mantém-se altamente competitiva no cenário internacional. Seus desafios, no entanto, estão relacionados a como continuar se desenvolvendo à medida que seu principal produto – o tabaco – é crescentemente combatido e deve enfrentar restrições de consumo cada vez maiores nos próximos anos.

Estudos futuros podem basear-se no cenário identificado e analisar a evolução do arranjo produtivo e as possibilidades reais de complementação de renda, identificando oportunidades adequadas às características da região. Apesar dos sinais de alerta emitidos pelos pesados investimentos no combate ao tabagismo e aos controles impostos à comercialização de cigarros e à produção de tabaco (em especial nos países desenvolvidos), não se deve subestimar a força da indústria fumageira. As estratégias utilizadas por essa indústria, como demonstra o filme “Obrigado por fumar”, adaptado da obra de Christopher Buckley, incluem altos investimentos para garantir a continuidade do negócio e a certeza de que haverá novas gerações de consumidores.

Referências

AFUBRA. **Associação dos Fumicultores do Brasil**. Site institucional. Disponível em <<http://www.afubra.com.br>>. Acesso em 25 ago. 2007.

BELING, Romar Rudolfo. **Anuário Brasileiro do Fumo**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2007.

BEST, M. **The new competition: institutions of industrial restructuring**. Polity Press, Cambridge, 1990.

CASSIOLATO, J. E. ; LASTRES, H. **Globalização & Inovação Localizada: experiências se sistemas locais no Mercosul**. Brasília, IBICT/MCT, 1999.

CEGLIE, G.; DINI, M. Cluster and network development in developing countries: the experience of UNIDO. **Technical working papers series**, Viena, United Nations Industrial Development Organization, UNIDO, 1999.

CORREA, Sílvio. **Anuário Brasileiro do Fumo 2005**. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2005.

DEL PUPPO, J.L.; VASCONCELLOS, J.G.M. Gestão do design no arranjo produtivo do vestuário em Colatina – ES. **In: XXX Encontro da ANPAD**. 23 a 27 de set. 2006, Salvador/BA, 2006

DIEHL, A.A.; TATIM, D.C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DINIZ, C.C.; SANTOS, F.; CROCCO, M. Diretrizes para formulação de políticas de desenvolvimento regional e de ordenação do território brasileiro. Relatório: conhecimento, inovação e desenvolvimento regional/local. **Ministério da Integração. FACE/CEDEPLAR-UFGM: Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <http://www.mi.gov.br/publicacoes/desenvolvimentoregional/publicacao/Cedeplar/Conhecimento.pdf>**. Acesso em 11 dez. 2007.

ENRIGTH, M.J. Regional clusters and economic development: a research agenda. **In: STABER, U.; SCHAEFER, N. V.; SHARMA, B., editors**. Business Networks: Prospects for Regional Development. New York: de Gruyter, 1996, 239 p.

HADDAD, P. H. A organização dos sistemas produtivos locais como prática de desenvolvimento endógeno. **V Fórum Interamericano da microempresa**. 9-11 setembro, 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.iadb.org/foromic/Vforo/sections-pg/presentations.asp>. Acesso em: 25 ago. 2003.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Site institucional. Acesso em 15 jan. 2008. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>.

JACOBS, J. **The economy of cities**. New York: Random House, 1969.

KRUGMAN, P. **Geography and trade**. Massachusetts. The MIT Press, 1998.

LASTRES, H. **Globalização e o Papel das Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico**. Texto para Discussão n. 519, IPEA, Brasília, 1997.

LASTRES, H., CASSIOLATO, I., LEMOS, C., MALDONADO J. E VARGAS, M.
Arranjos locais e capacidade inovativa em contexto crescentemente globalizado.
Relatório do projeto de pesquisa apoiado pela diretoria de políticas públicas do IPEA,
IE/UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

LEMOS et al. Arranjos produtivos locais industriais sob ambientes periféricos: os
condicionantes territoriais das externalidades restringidas e negativas. Porto Seguro, **ANPEC.**
Annais do XXXI Encontro Nacional da ANPEC, 2003.

LOPES, A. e LUGONES, G. Los sistemas locales em el Escenario de la globalización, in
Cassionalo e Lastres (eds.) **Globalização e inovação localizada: experiências de sistemas
locais do Mercosul.** Brasília: IBICT/MCT, 1999.

MACKAY, J.; ERIKSEN, M.P. **The tobacco atlas.** Geneva: World Health Organization,
2002.

MARTIN, R. and SUNLEY, P., Deconstructing clusters: chaotic concept or policy panacea.
Journal to Economic Geography, 3: p. 5-31, 2003.

MENEZES, João Bittencourt de. **Município de Santa Cruz.** Santa Cruz do Sul: Editora
Gazeta Santa Cruz, 2005.

MYTELKA, L.; FARINELLI, F. From local clusters to innovation systems. In:
CASSIOLATO, J.L.; LASTRES, H.; MAHER, M. (Editors), *Systems of innovation and
developmen: evidances from Brazil.* Edward Elgar, Cheltenham, pp. 249-272, 2003.

ROESCH, S.M.A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração:** guia para estágios,
trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Gilson R. da. **Anuário Brasileiro do Fumo 2006.** Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta
Santa Cruz, 2006.

SCHMITZ,H. Collective efficiency: growth path for small-scale industry. **The Journal of
Development Studies**, v. 31, n 4, April 1995.

SILVEIRA, C. M. **Desenvolvimento local:** marcos conceituais. Acesso em 15 de janeiro de
2005. Disponível em <<http://www.iets.org.br>>

VARGAS, Marco Antonio; SANTOS Fº, Nery dos; ALIEVI, Rejane Maria. Análise da
dinâmica inovativa em arranjos produtivos locais no RS: complexo agroindustrial fumageiro.
Santa Cruz do Sul: **Estudos do CEPE**, nº 9/10, jan/dez 1999, p. 149-173.

VOGT, Olgário Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul – RS: (1849 – 1993).**
Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.